



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



**UFSC NA MÍDIA - CLIPPING**  
**07/06/2016**

07/06/2016

### **Não à violência**

Secretária de Ações Afirmativas e Diversidades da UFSC, Francis Tourinho, coordena a primeira atividade importante da pasta criada pela nova administração da universidade: "A UFSC diz não à violência contra a mulher". Será nesta quinta-feira, das 11h30 às 12h30, na área central do campus, próximo à reitoria. O público que participar poderá usar fitas de cor lilás, para amarrar no pulso.

### **Festa ilegal**

Os moradores do entorno da UFSC esperam que a confusão ocorrida na madrugada de sexta-feira, dia 3, tenha sido apenas um episódio isolado. A festa realizada por estudantes de jornalismo era ilegal, ou seja, não tinha licença da administração do campus. Terminou após um assalto e deixou uma montanha de sujeira, amplamente fotografada e divulgada nas redes sociais.



DIVULGAÇÃO/ND

### **↑ Interlocução**

A deputada federal Angela Albino (PCdoB) fez uma visita ao reitor Luis Carlos Cancellier (foto) e à vice-reitora Alacoque Lorenzini Erdmann. Ela afirmou à dupla, que assumiu a reitoria há menos de um mês, que fez um levantamento das demandas da instituição junto aos órgãos federais e se colocou à disposição para articular junto ao governo federal a liberação de recursos para investimentos na expansão da universidade. A deputada destinou emenda no valor de R\$ 300 mil para investimento na infraestrutura esportiva da Universidade.

Notícias do Dia – Carlos Damião

# Festa ilegal, violência e sujeira

**UFSC.** Evento de estudantes sem autorização da Reitoria teve assalto e agressão

**BEATRIZ CARRASCO**

beatriz.carrasco@noticiasodia.com.br

@ND\_online

Uma festa realizada sexta-feira no campus da UFSC, em Florianópolis, terminou em confusão e pelo menos com uma pessoa ferida. Segundo o CALJ (Centro Acadêmico Livre de Jornalismo), um dos organizadores da festa, por volta de 1h30 o estudante Gabriel Goulart, 22 anos, foi assaltado e agredido. “Veio um cara pela frente e outro por trás. Levei um soco na boca e o outro tentou me segurar, então eu me abaixei e levei um chute na cabeça. Cai e eles pegaram meu celular e saíram correndo”, contou. Ninguém foi preso.

A festa, que não teve autorização da Reitoria, foi promovida por estudantes de jornalismo para viabilizar uma viagem para o Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação, em Fortaleza. Uma integrante do CALJ afirmou

que festas de arrecadação costumam ser feitas de maneira ilegal porque são caros os critérios exigidos para a licença, entre eles contratação de seguradoras e banheiros químicos. A Polícia Militar informou que não recebeu chamado no horário da confusão.

O chefe de gabinete da Reitoria, Áureo Moraes, relatou que o Deseg (Departamento de Segurança Física e Patrimonial) passou a ser chamado de Secretaria de Segurança Institucional, como forma de iniciar mudanças para fortalecer as políticas de segurança na UFSC. Sobre as festas ilegais, Moraes reforçou que os requisitos para autorização devem ser obedecidos. “O que traz problemas são festas não autorizadas, pois não têm restrição de acesso e ninguém se responsabiliza. Se não solicitam formalmente a autorização, como querem exigir a presença dos seguradoras? As autorizadas têm toda a proteção institucional”, disse.

**Lixo.** Campus da universidade amanheceu com muitas garrafas, copos, caixas e papéis



07/06/2016

## Notório Saber?

Professor José João de Espíndola, doutor em engenharia e um dos nomes mais respeitados no centro tecnológico da UFSC, publicou artigo no boletim da Apufsc fulminando concessão de título de “notório saber” a um “mestre de capoeira”. O parecer favorável ao título inédito foi assinado pelo professor Edison Roberto de Souza, diretor do centro de desportos. Espíndola atribui o fato ao baixo nível da “era Roselane”.

A Notícia – Moacir Pereira

### CONTRADITÓRIO

Pegou mal a afirmação do prefeito de Florianópolis (31/5), quando visitou com o novo reitor da UFSC as obras de duplicação da Rua Antônio Edu Vieira, no Pantanal. Ele disse que as desapropriações teriam seu valor diminuído em face da desvalorização dos imóveis no local. Tal alegação bate de frente com aquela prestada há algum tempo, quando da justificativa para o aumen-

to do IPTU, onde textualmente se afirmou que os imóveis tiveram grande valorização naquela área. Discursos antagônicos levam mais uma vez ao descrédito o já combalido chefe do Executivo da cidade.

**CHARLES F.**

Florianópolis

Diário Catarinense – Diário do Leitor

07/06/2016

## NOTÓRIO SABER?

Professor José João de Espíndola, doutor em engenharia e um dos nomes mais respeitados no Centro Tecnológico da UFSC, publicou artigo no boletim da Apufsc fulminando concessão de título de “notório saber” a um “mestre de capoeira”. O parecer favorável ao título inédito foi assinado pelo professor Edison Roberto de Souza, diretor do Centro de Desportos. Espíndola atribui o fato ao baixo nível da “era Roselanes”.

Diário Catarinense – Moacir Pereira



**ANA PAULA BITTENCOURT**  
ana.bittencourt@horasc.com.br

## Açores na Ilha de SC

Arquitetura, festas populares, costumes tradicionais e também as belezas naturais do arquipélago dos Açores estarão ao alcance do público na exposição fotográfica *Açores*, composta por 17 imagens ampliadas das ilhas do Pico, São Jorge, Terceira, Graciosa, Faial, São Miguel e Corvo. A exposição em lona, de autoria de Joi Cletison, atual diretor do Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC e que atua como fotógrafo há mais de 30 anos, foi montada para comemorar os 265 anos da chegada dos emigrantes açorianos para povoar o sul do Brasil, especificamente Santa Catarina. A exposição está no Espaço Cultural do Centro de Cultura e Eventos da UFSC, na Capital, até dia 8 de julho, de segunda a sexta-feira das 8h às 20h.

Diário Catarinense – Ana Paula Bittencourt

O LIVRO INÉDITO DE

# Jorge Amado

Os personagens desse romance são baseados na mais pura realidade, deturpados apenas pelas exigências da realidade artística do romance.

Romance inacabado está entre 1.400 documentos, cartas, fotos e anotações do escritor baiano que foram parar no Núcleo de Literatura e Memória da UFSC

**Anexo**

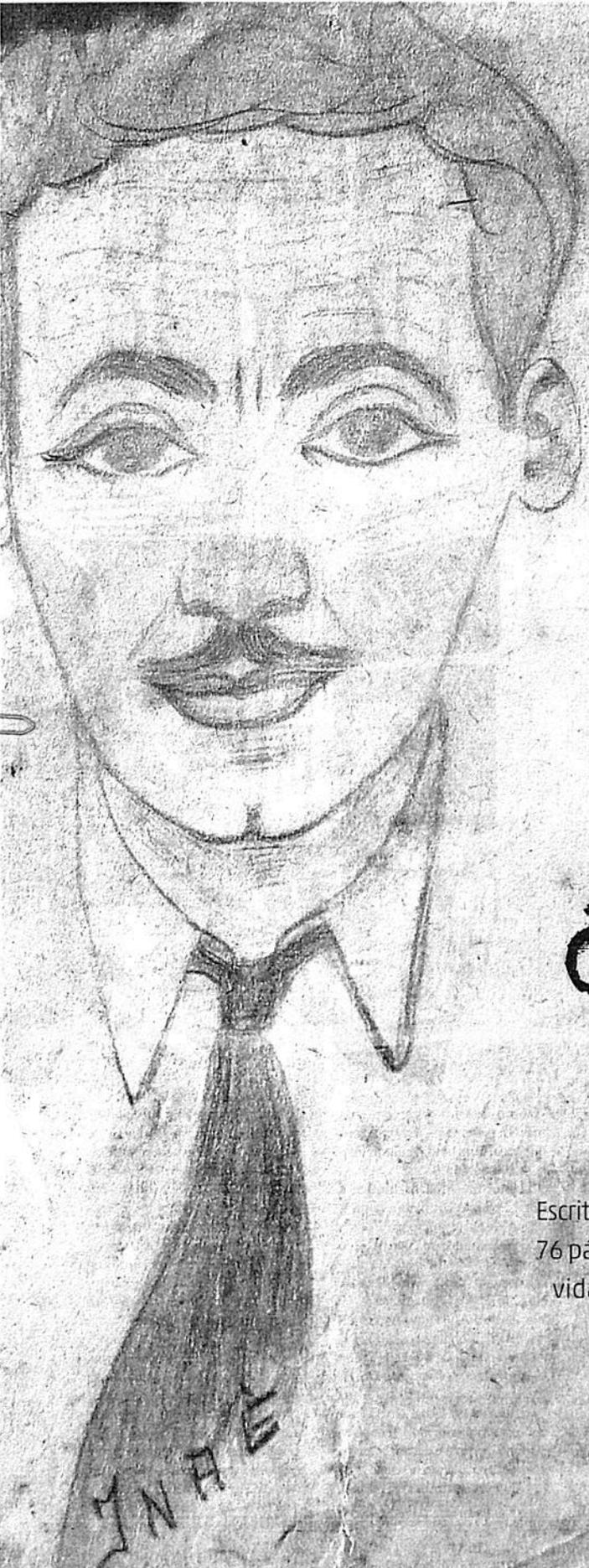
**NA INTERNET**  
Confira especial online em  
[leiad.sc/agoniadanuite](http://leiad.sc/agoniadanuite)



# ANEXO

## ESPECIAL

TERÇA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 2016



# Agonia da Noite

Escritos de Jorge Amado entregues à UFSC contêm 76 páginas de obra inédita que narra 12 horas da vida de seis personagens à espera da ordem para iniciar um levante comunista

# O romance perdido de Jorge Amado

OBRA ESTAVA ENTRE PERTENCES DO AUTOR DEIXADOS AOS CUIDADOS DE UMA AMIGA COMUNISTA NO URUGUAI

EMERSON GASPERIN

emerson.gasperin@diariocatarinense.com.br

Um grupo de jovens se reúne em um sítio à espera da ordem para o início de um levante comunista. Enquanto aguardam o sinal que deflagrará a revolução, a ser transmitido naquela noite chuvosa por uma rádio local, as paixões, incertezas e dramas de cada militante vão se revelando. Um deles tem um caso com a mulher de um companheiro preso. Outro sonha apenas em ver seu nome nos jornais. Um terceiro muda de ideia e prefere ficar com a amante na cama a participar da luta.

A história compõe *Agonia da Noite*, romance inédito e inacabado de Jorge Amado descoberto entre os cerca de 1,4 mil documentos, cartas, folhas datilografadas, poemas, recortes de jornais, fotos e anotações do autor baiano sob os cuidados do Núcleo Literatura e Memória (Nulime) da UFSC, em Florianópolis. O mesmo título chegou a batizar a segunda parte da trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade*, lançada em 1954, mas as 76 páginas já concluídas da narrativa original nunca foram publicadas.

“

Para Mário, o destino do homem é a desgraça. Desgraça sobre a terra sempre e sempre, via tudo terrivelmente miserável naquela noite de temporal.

...

Todo o acervo estava em uma mala que Amado abandonou ao voltar do exílio voluntário na Argentina e no Uruguai, em agosto de 1942. No ano anterior, ele havia trocado o Rio de Janeiro por Buenos Aires a pedido do perseguido Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao qual era ligado, para fazer o que jamais seria permitido no Estado Novo: escrever a biografia do líder Luís Carlos Prestes, mantido preso pela ditadura de Getúlio Vargas desde 1936.

— A gente percebe pelo material que há a intenção de promover uma campanha pela libertação de Prestes e tomá-lo uma espécie de herói latino-americano — observa a professora Tânia Regina Ramos, que coordena as pesquisas no acervo.

A temporada portenha de Amado terminou quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial ao lado de Estados Unidos e União Soviética. A presença da pátria-mãe do comunismo na aliança encorajou o PCB a considerar que Vargas não reprimiria os filiados e a determinar que eles retornassem do exterior para apoiar o combate ao nazifascismo. O escritor seguiu a orientação e acabou na prisão tão logo pisou em Porto Alegre. As provas que podiam comprometê-lo, porém, ficaram a salvo com uma companheira do partido.

Quase 70 anos depois, em 2011, a papelada chegou às mãos de Tânia por meio da professora Leonor Seliar Cabral, que trabalhava em uma sala ao lado na UFSC. Era, nas palavras da guardiã, a “mala do Jorge Amado”.

— Pensei que fosse alguma brincadeira, não sabia o que pensar.



“Como isso foi parar em suas mãos?”, perguntei — lembra Tânia, que seria surpreendida ainda mais com a resposta.

Leonor era filha da mulher a quem Amado confiara a papelada no distante início da década de 1940, conhecida apenas como Rosa. O codinome homenageava a ícone comunista alemã Rosa de Luxemburgo, fuzilada em 1919 em Berlim. A homônima nasceu na Polônia, foi deportada do Brasil por volta de 1930 e se mudou com o marido Isaac Seliar e as duas pequenas (a outra era Esther) para Rivera, no Uruguai. Lá, juntou-se ao militante português Bernardino do Valle e deixou a família para se dedicar à causa vermelha.

Foi nesse contexto que Amado encontrou em Montevideu e lhe entregou a mala às vésperas de

embarcar para o Brasil. Depois de inúmeras tentativas frustradas de devolvê-la ao dono, Rosa guardou tudo até morrer, em 1996 — não sem antes contar essa história para Leonor, com quem havia retomado contato após a clandestinidade. A filha achou a mala entre os pertences da mãe e, como iria se mudar de uma casa para um apartamento menor, resolveu doar o conteúdo a Tânia.

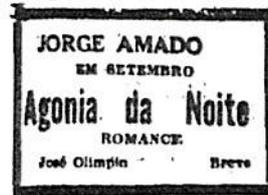
— No dia seguinte à nossa conversa, ela me trouxe o material. Não em uma mala, mas em uma sacola plástica. Fiquei assustada com a quantidade, não imaginava que fosse tanta coisa. Seu único pedido foi que, se houvesse algum trabalho acadêmico a respeito, que fosse dedicado à mãe, da qual nunca me revelou o nome verdadeiro — diz a coordenadora do Nulime.

ANEXO  
ESPECIAL

“

Uma vez ela lhe dissera que o destino do homem é ser feliz acima de tudo, passando sobre tudo. Essas coisas nos lábios dela saíam sempre num tom dramático de desespero e tinham uma marca de sinceridade que abalavam Mario.

...



Anúncio do lançamento do livro publicado em 1940 no jornal literário carioca *Dom Casmurro*, onde Amado trabalhava. Nesta página, entre aspas, trechos do romance



## ESQUECIMENTO PROPOSITAL

O conteúdo da “mala de Jorge Amado” impressiona pela riqueza. Segundo Tânia, além do romance secreto o legado ajuda a descortinar um período da trajetória do escritor sobre o qual as informações são escassas – boa parte por vontade dele mesmo. De fato, em seu livro de memórias *Navegação de Cabotagem* (1992), os anos de 1941 e 1942 mereceram não mais do que relatos superficiais sobre as articulações “contra o nazismo e de convivência com os políticos que rotulávamos de liberais com menosprezo e desconfiança”.

É que, com a vinda à tona dos horrores cometidos por Stálin, em 1956, Amado engrossou a fileira de intelectuais que romperam com o comunismo e evitava falar de seu envolvimento com a ideologia. Jamais permitiu, por exemplo, que *O Mundo da Paz*, escrito em 1951 com loas ao tirano soviético – “mestre, guia e pai, o maior cientista do mundo hoje, o maior estadista, o maior general, aquilo que de melhor a humanidade produziu” – fosse reeditado.

– Ele sempre afirmou que levava os segredos do partido consigo para o túmulo – atesta Tânia.

Dai o desinteresse de Amado em resgatar a mala com *Agonia da Noite*. Ele começou a obra no final da década de 1930, em plena efervescência militante. Em 1º de julho de 1939, o jornal literário carioca *Dom Casmurro*, onde trabalhava na época, veiculava o primeiro anúncio divulgando que o romance sairia “em breve” pela editora José Olympio. A lacônica propaganda se repetiu quase semanalmente até que a edição de 13 de janeiro de 1940 trouxe detalhes em uma nota:

“Passando a maior parte do ano em Estância, uma cidadezinha do interior sergipano, o escritor de *Jubiabá* tem em preparo dois outros romances: *Sinhô Badaró*, que possivelmente será publicado em dois volumes, e *Agonia da Noite*, um romance introspectivo. Intelectuais de nome que já leram capítulos inéditos deste novo romance de Jorge Amado dizem que se trata de um ótimo livro e que o romancista de *Capitães de Areia* estreia desta maneira difícil de um modo definitivo.”

No número subsequente, mais um registro informava que “Jorge Amado, depois de dois anos de silêncio, publicará logo no início do ano o *Agonia da Noite*, romance com seis personagens apenas e que se passa em doze horas todo etc”. Em maio, o baiano despediu-se do *Dom Casmurro*, que continuou a promover o lançamento até outubro. Em novembro, o escritor seria notícia no jornal como tradutor de *Dona Barbara*, “o célebre romance venezuelano de Romulo Gallegos”. Sobre o livro prometido, no entanto, não houve mais nenhuma menção.

As razões que levaram Amado a ignorar *Agonia da Noite* ao retornar ao Brasil, quando ainda era um entusiasta do regime de Moscou, permanecem cercadas de mistério. Da capital gaúcha, ele foi transferido para o presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro. “Fiquei no xilindrô uns meses, soltaram-me a tempo de ir passar o Natal (de 1942) na fazenda com o coronel João Amado e dona Eulália (*seus pais*)”, anotou em suas memórias.

É provável que a soltura da cadeia tenha sinalizado uma trégua do governo Vargas com o

PCB (que voltaria à legalidade em 1945) – o que tomaria o teor panfletário da obra, àquela altura, no mínimo inconveniente. Em vez de retomá-la, em 1943 Amado lançou *Temas do Sem-Fim*, do qual cópias datilografadas também faziam parte da bagagem deixada para trás no exílio. Alheia à cena política de então, a narrativa gira em torno dos conflitos entre lavradores e coronéis do cacau no sul da Bahia no início do século 20.

A carreira literária prosseguiria com *São Jorge dos Ilhéus*, *Bahia de Todos os Santos* (ambos em 1944) e *Seara Vermelha* (1946). Em âmbito pessoal, Amado vivenciou o casamento com Zélia Gattai, em 1945, o nascimento dos filhos João (1947) e Paloma (1951) e a morte da primogênita Eulália (nascida em 1935, fruto da união anterior com Matilde Garcia Rosa), em 1949. No plano político, elegeu-se deputado federal por São Paulo em 1945 pelo PCB e partiu para um novo exílio em Paris e em Praga (de 1948 a 1952), culminando com a desilusão com o comunismo, definitivamente banido da bibliografia posterior do baiano.

Toda essa atribuição contribuiu para sepultar quaisquer planos de concluir *Agonia da Noite*, cuja existência continuaria incerta não fosse o gesto de Leonor e a descoberta de Tânia. Dos trabalhos resultantes de pesquisas no acervo, pelo menos dois – de Roberta de Fátima Martins, no mestrado, e de Thalita da Silva Coelho, na graduação – já foram dedicados à “mãe judia sem nome”, Rosa, “que guardou esse tesouro por tanto tempo”.



“

Raymundo vê Heloisa valsando, os longos cabelos enchendo a sala. Miguel pensa em Celestina, que a morte também pode ser uma mulata de amplos quadris. Prensa vê a mulher que se afastou dele com nojo na entrada do cinema, há muitos anos, e agora ele a pode possuir. Só Lopes não tem essa visão pessoal de uma mulher.

...

**ANEXO**  
ESPECIAL

# A mala de conteúdo panfletário

**ALÉM DE AGONIA DA NOITE, BAÚ DEIXADO  
NO EXTERIOR REVELA QUE JORGE AMADO,  
UM ESCRITOR JÁ CONSAGRADO NA ÉPOCA,  
EXERCIA PAPEL IMPORTANTE NO COMUNISMO**

Carta do remetente com assinatura ilegível informa que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial (agosto de 1942), conclamando os revolucionários comunistas a voltar ao país. Avisa ainda que a esposa e a filha chegaram bem e estão esperando por ele. O destinatário – Jorge Amado – atenderia o pedido. Mas, precavido, deixaria a correspondência entre os papéis amontoados na mala que largou com uma colega militante ao encerrar o autoexílio iniciado em 1941 em Buenos Aires e Montevideú.

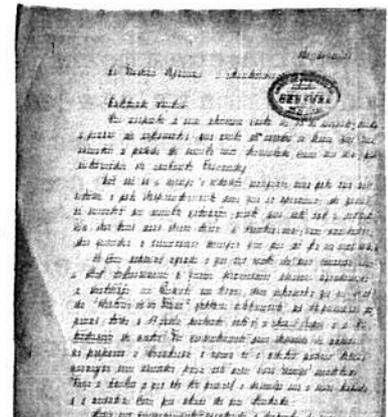
O acervo, em poder do Núcleo de Literatura e Memória (Nulime) da UFSC, revela que os temores do escritor não eram infundados. O material é rico em evidências das atividades "subversivas" de Amado durante os quase dois anos passados fora do Brasil. A começar pela finalidade da estada no exterior: escrever a biografia do prócer comunista Luís Carlos Prestes, da qual o autor baiano relata a um certo Joaquim já ter feito 230 das 400 páginas que pretendia para a obra e planejava chamá-la de *O Cavaleiro da Esperança*.

A presença do líder preso pelo governo Vargas se espalha pelo conteúdo da mala. É Prestes quem assina o manuscrito microfilmado de 25 de novembro de 1941. É sua libertação que o panfleto impresso pela editora e gráfica argentina Sur reivindica. É dele que falam as cartas de Lygia e Leocádia Prestes. Em uma delas, a irmã dá notícias da mãe e de Anita (filha do biografado), agradece pelo envio do livro sobre Luís e aborda uma questão supostamente envolvendo dinheiro que Amado deveria assuntar com o escritor e historiador mexicano Ermilo Abreu Gomez.

Também há uma profusão de contatos de filiados do Partido Comunista Brasileiro (PCB), a maioria sem remetente e com destinatários identificados apenas pelo nome de guerra – Palma, Baby, Antonio, Palmarino, Ambrosio, Munhoz, Pompílio, Carmélia – para dificultar o rastreamento. A leitura das cartas dos camaradas mostra a afinidade com Campeão, que as pesquisas coordenadas pela professora Tânia Regina Ramos intuem ser o apelido de Thomás Pompeu de Aciolly Borges, em referência à conquista dele do título brasileiro de xadrez em 1936.

Embora sequer o cite nas memórias *Navegação de Cabotagem*, indícios apontam que a relação entre os dois ia além da política. Integrante da Aliança Libertadora Nacional (ALN, movimento de oposição a Getúlio Vargas) e tradutor da biografia para o espanhol, Pompeu conta das condições de Prestes na cadeia, de uma possível ida do músico Dorival Caymmi à capital argentina para um evento dos exilados comunistas e da suspensão da correspondência por algum tempo devido a "razões especiais".

Como amigo, confia Maria Cruz e se preocupa com a situação financeira do escritor, aconselhando-o a recorrer à ajuda familiar. Não que Amado tivesse abdicado de seu ganha-pão. Conforme ressalta a pesquisadora, "na época ele não tinha nem 30 anos e já vivia de literatura, com muitas editoras interessadas em traduzi-lo". Reflexo disso são as tratativas para escrever romances como *Suor*, *Cacau*, *Jubiabá* e *Mar Morto* (lançados entre 1933 e 1936) em inglês, francês, espanhol e iídiche, uma língua germânica das comunidades judaicas da Europa.



**ANEXO**  
ESPECIAL



Entre os documentos encontrados, a carteira do jornal *A Noite* escondia um endereço de Moscou e uma ficha da polícia uruguaia arrolava os pertences de um preso não identificado



Jorge Amado no que parece ser uma gráfica

## CARTAS E FOTOS

No lado autoral, fragmentos de *Terras do Sem-Fim*, *São Jorge dos Ilhéus* e do inédito *Agonia da Noite* se misturam com folhas em que anotações anônimas sugerem a intenção de se arriscar na poesia – falta confirmar se versos como os do *Poema da Menina-e-Moça que Virou Mulher-e-Putá* são de Amado. Aparece inclusive um esboço para um livro intitulado *Poemas para o Povo*, definido por ele como uma crítica a poetas que “se caparam, engordaram e, bonitinhos e efeminados, traem toda a grande tradição da poesia brasileira”.

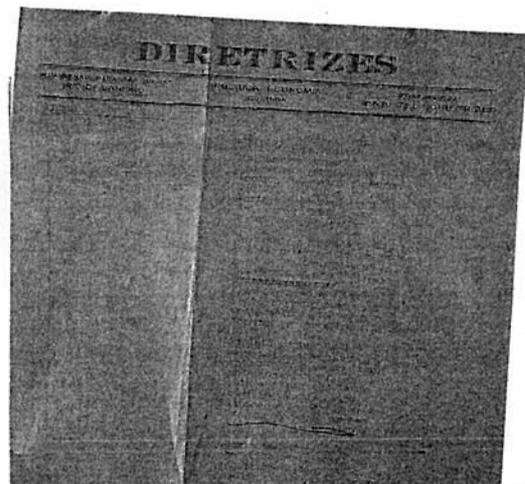
Um dos alvos seria Carlos Drummond de Andrade, então chefe de gabinete do ministro de Educação e Saúde de Vargas, Gustavo Capanema. “De sua torre o poeta/ Não vê o povo com fome/ A arte está bem acima/ De coisas tão miseráveis”, acusa o *Epigrama do Poeta Modernista*. Tal alienação era inadmissível para Amado. Mesmo sem abrir mão da faceta criativa, o homem que emerge do acervo prioriza o engajamento, constante até nos escassos *recuerdos* de cunho pessoal.

Um documento da polícia uruguaia lista os pertences de um detido (não identificado) em 21 de novembro de 1941, possivelmente um preso político. Das raras fotos guardadas, uma é de Prestes quando jovem. Duas retratam Amado, com um grupo de comunistas no que parece uma gráfica, e uma

3x4 de sua carteira profissional do jornal *A Noite* com o cargo de enviado aos Estados Unidos. A quarta traz o escritor dividindo uma mesa (e uma garrafa) com dois distintos senhores em uma conferência no Círculo El Progreso, em Montevideo, em 19 de maio de 1942.

Poucos itens se salvam de qualquer associação ideológica, como folhetos da quiromante Madame Albertina e do cine São João. A estreia do filme *Sangue Cigano* em Estância (SE) foi patrocinada pela chegada do livro *Mar Morto* à papelaria da cidade onde moravam seus pais, o que explica por que Amado conservou a programação do cinema. Quanto à vidente, não há registros de que ele procurou os serviços dela. Se a tivesse consultado, talvez as linhas de suas mãos previssem o que o aguardava na volta ao Brasil.

De nada adiantaria se desfazer dos documentos que o ligavam ao comunismo. O baiano lembra em *Navegação de Cabotagem* que estava em Porto Alegre, em agosto de 1942, e ia todas as noites à redação do jornal *Correio do Povo* para se inteirar dos últimos despachos noticiosos sobre a guerra. Ele e o jornalista Raul Riff tomavam uma média com pão e manteiga em um botequim em frente quando a polícia de Vargas o capturou. E a mala com um pedaço de sua aventura no exílio ressurgiria 70 anos depois em Florianópolis.



Carta que Prestes escreve na prisão (E); originais do poema *As Três Irmãs*, uma das passagens do romance *Terras do Sem-Fim*

ANEXO ESPECIAL



Amado (D) em uma conferência de 1942 do Círculo El Progreso, em Montevideu



Prestes (acima) e ensaio ele sobre o nazi-fascismo encontrados na mala deixada por Amado no Uruguai

# A ligação com a foice e o martelo

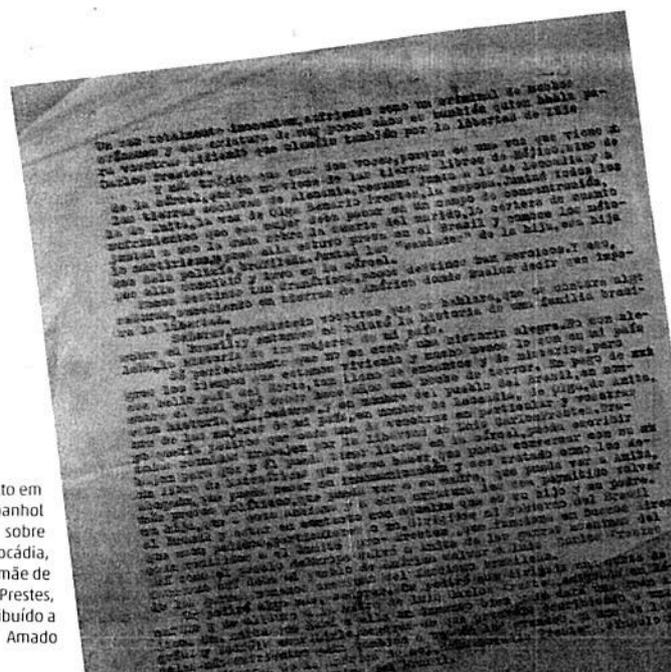
## NOS ANOS PASSADOS NO EXÍLIO, VIDA E OBRA DE JORGE AMADO SE CONFUNDIAM COM A IDEOLOGIA DO AUTOR

Com o lançamento de *Luis Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* pela Editorial Claridad em 1942, Jorge Amado concluiu a tarefa que o levou a se exilar. Exemplares eram negociados clandestinamente para o Brasil até o governo de Juan Domingo Perón ordenar a queima da edição argentina. Publicado em português três anos depois, o livro voltou a sumir do mercado nacional com o golpe militar de 1964 e reapareceu em 1979. Traduzida para 20 línguas, a biografia do líder comunista é resquício da fase em que a vida e a obra do escritor se confundiam com sua ideologia.

O engajamento surgiu cedo em Amado. Ainda adolescente, indo de Itabuna para estudar em Salvador,

criou um pasquim chamado *A Folha* em oposição ao *A Pátria*, o informativo oficial do grêmio estudantil do Ginásio Ipiranga. Na sequência, integrou a Academia dos Rebeldes, grupo que se propunha a renovar o circuito literário baiano. Mas foi no Rio de Janeiro que a política iria fazer a cabeça do jovem de 18 anos. Recém-egresso na faculdade de direito, ele estreou com *O País do Carnaval* em 1931 – e se aproximou do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Naquele começo de década tumultuada pela tomada da presidência da República por Getúlio Vargas, muitos escritores passaram a debater os problemas sociais do país. Personagens e questões até então pouco abordadas pela intelectualidade brasileira, como o retirante nordestino, a luta de classes e a influência das oligarquias rurais, entraram em



Texto em espanhol sobre Leocádia, a mãe de Prestes, atribuído a Amado

# ANEXO ESPECIAL

## Um baiano entre ilustres catarinenses

Em uma sala acanhada no quinto andar do prédio B do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC que funciona o Núcleo Literatura e Memória (Nulime), responsável pela catalogação e digitalização dos 1,4 mil papéis de Jorge Amado. Por ser baiano, o autor é exceção no trabalho de uma equipe dedicada a preservar arquivos de escritores e intelectuais catarinenses. Sob a coordenação da professora Tânia Regina Ramos, manuscritos, jornais, documentos e registros diversos são identificados e recuperados para posterior consulta pública.

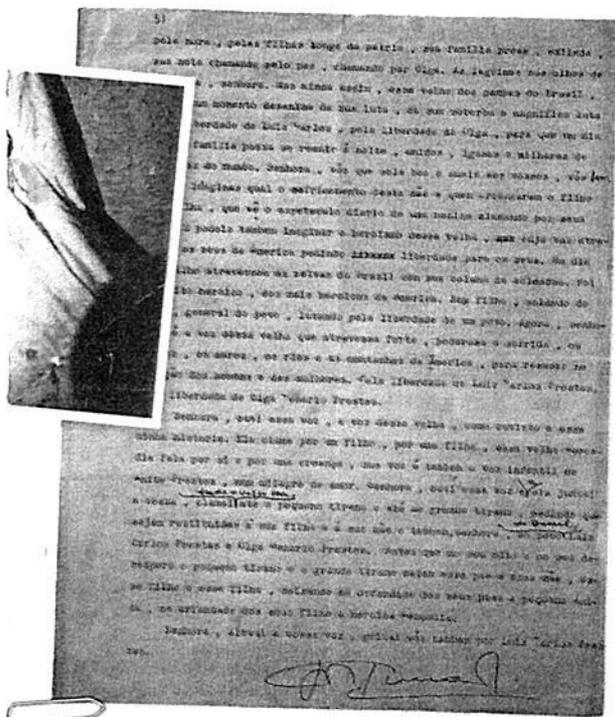
– Contamos com as horas disponíveis dentro da atividade docente e com os alunos-bolsistas para realizar as pesquisas. Os recursos vêm de editais como os da Fapes (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado) e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) – afirma. Com essa estrutura – atualmente dispõe de quatro professores e cinco estudantes –, o Nulime já lidou com materiais de Cruz e Souza (1861-1898), Ernani Rosas (1886-1955) e Delminda Silveira (1854-

1932), todos poetas florianopolitanos. Os originais de um dos precursores do simbolismo no país foram cedidos pela Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, digitalizados e devolvidos, esclarece Tânia. Os demais faziam parte de acervos locais e também voltaram aos seus detentores após o registro digital.

Todos estão disponíveis nos sites Portal Catarina e Literatura Brasileira, assim como Harry Laus (1922-1992), outro nome que teve as memórias conservadas pelo núcleo. Do escritor de Tijucas há 52 itens, entre contos, artigos, cartas, ficções e anotações produzidos entre 1942 e o ano de sua morte.

– De Laus e de Amado temos ainda a materialidade do acervo, ou seja, as cópias físicas – ressalta ela.

A professora explica que o legado do autor do recém-descoberto romance *Agonia da Noite* só não é encontrado nos portais parceiros do Nulime por questões relativas a direitos autorais. Mas interessados nas relíquias acumuladas pelo baiano durante o exílio em Buenos Aires e Montevideu podem conhecê-las no Nulime. Basta agendar uma visita pelo fone (48) 3721-6589.



cena. Com Amado não seria diferente. O romance seguinte, *Cacau* (1933), já trazia a polaridade exploradores versus explorados ou, no vocabulário marxista, a burguesia contra o proletariado. Vendeu duas mil cópias em 40 dias, um sucesso.

Donde a formatura, em 1935, tornou-se mera formalidade para Amado. A usar o diploma, ele preferiu advogar em prol do que acreditava em seus livros e nas páginas de *A Manhã*, jornal da Aliança Nacional Libertadora (ALN, apoiada pelo PCB). O viés doutrinário fez com que *Cacau* e *Suor* (1934) saíssem na União Soviética, dando início à bem-sucedida carreira internacional do autor. Dentro do Brasil, porém, a militância custou-lhe a liberdade: acusado de ter participado da Intentona Comunista, ficaria preso em 1936, em Natal, em sua primeira detenção por subversão.

Pelo mesmo motivo, Amado também acabou no xilindrô em 1937, em Manaus, e em 1942, ao retornar da Argentina e do Uruguai. Meses depois, seria solto com a condição de se mudar para Salvador e se apresentar semanalmente na Delegacia de Ordem Política e Social. Com a queda da ditadura Vargas e a volta do PCB à legalidade em 1945, o baiano concorreu a deputado federal por São Paulo. Elegeram-se com mais de 15 mil votos, mas perdeu o mandato em 1948 devido à aliança do Brasil com os Estados Unidos. A ale-

gação para a cassação era de que, em plena Guerra Fria entre americanos e soviéticos, a bancada comunista atendia aos interesses de Moscou.

Sem partido (novamente ilegal) e sob ameaça da polícia do presidente Gaspar Dutra, não restou alternativa a Amado que não se refugiar outra vez no exterior. Em Paris, manteve as atividades de militante, chegando a entrar na cidade com o poeta chileno Pablo Neruda, também exilado, escondido no porta-malas do seu carro. Em 1951, mudou-se de lá para a Tchecoslováquia (hoje República Tcheca) e viajou por diversos países da ex-Cortina de Ferro, sempre criticando a submissão da América Latina à Casa Branca. Foi nessa época que escreveu *O Mundo da Paz*, louvor a Stálin que lhe valeu o Prêmio Stálin da Paz em 1953.

A honraria não impediu que, no mesmo ano, Amado regressasse ao Brasil com dúvidas quanto ao comunismo. Durante o giro pelo Leste Europeu, ouvira falar de rumores sobre os *gulags*, os campos de trabalho forçado na União Soviética. As suspeitas se confirmaram em 1956, com a revelação dos massacres, expurgos e execuções extrajudiciais de milhares de pessoas ordenados por Stálin. Aquilo foi demais para ele. Em 1958, em seu primeiro romance pós-desencanto com a ideologia, *Gabriela, Cervo e Canela*, o escritor trocava o tom panfletário pela narrativa sensual com a qual seria cultuado pela posteridade.



Tânia Ramos (E), do Núcleo Literatura e Memória da UFSC, coordena as pesquisas sobre o material do escritor